



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LUIZA ARLINDO DOS SANTOS

ECOS DA RUA:

UM LIVRO-REPORTAGEM ACERCA DA APOROFOBIA E
RESISTÊNCIA

Londrina
2025

LUIZA ARLINDO DOS SANTOS

ECOS DA RUA:

UM LIVRO-REPORTAGEM ACERCA DA APOROFOBIA E
RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo César Zanardi

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S237e dos Santos, Luiza Arlindo.
Ecos da rua : Um livro-reportagem acerca da aporofobia e resistência / Luiza Arlindo dos Santos. - Londrina, 2025.
43 f. : il.

Orientador: Reinaldo César Zanardi.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Graduação em Jornalismo, 2025.
Inclui bibliografia.

1. Aporofobia - TCC. 2. Livro-reportagem - TCC. 3. Moradores em situação de rua - TCC. 4. Imigrantes - TCC. I. César Zanardi, Reinaldo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Graduação em Jornalismo. III. Título.

CDU 070

LUIZA ARLINDO DOS SANTOS

ECOS DA RUA:

**UM LIVRO-REPORTAGEM ACERCA DA APOROFOBIA E
RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual de
Londrina - UEL, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reinaldo César Zanardi
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Reginaldo Moreira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Ana Patrícia Pires Nalesso
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, _____ de _____ de _____.

"As ruas são páginas abertas, escritas com os passos de quem as percorre."

João do Rio

AGRADECIMENTOS

Pensar, produzir e finalizar este trabalho foi uma das jornadas mais desafiadoras que já enfrentei, pelo menos, até o momento. Durante o processo, encontrei muitas dificuldades, e só consegui superá-las graças ao amparo e à atenção das pessoas que estiveram ao meu lado.

Do fundo do meu coração, agradeço à minha família. Francislene, Paulo e Pedro, desde o momento em que escolhi cursar Jornalismo, vocês estiveram ao meu lado, apoiando, incentivando e acolhendo cada angústia, receio e ansiedade – e foram muitos. Mas também vibraram comigo em cada conquista, tornando esse percurso mais leve e significativo. Vocês têm o dom de me fazer feliz, são meus pilares, minha base, minha rede de apoio, e nenhuma palavra será suficiente para expressar minha gratidão. Concluir este trabalho não é apenas uma vitória minha, mas um reflexo do amor, da paciência e do esforço que dedicaram a mim. Amo vocês.

Às minhas eternas amigas, Maria Tereza e Eduarda, minha gratidão eterna. Ainda que tenham surgido em momentos diferentes da minha vida, vocês tornaram essa caminhada mais leve, acolhedora e cheia de risadas. Enfrentamos inúmeros desafios, produzimos diversos trabalhos juntas e, olhando para trás, não me arrependo de nenhum deles. Vocês me ensinaram a ser mais paciente, a enxergar o mundo com outros olhos e a crescer tanto como pessoa quanto como jornalista. Vocês são gigantes, e tenho certeza de que um futuro brilhante aguarda cada uma. Espero poder vibrar com vocês em cada conquista. Amo vocês, meninas. Obrigada por cada conselho, cada abraço, cada momento.

Ao meu melhor amigo, Wesley, que deu vida às ilustrações deste livro-reportagem com talento e maestria, e em tempo recorde. Você me acompanha desde os 15 anos – ou talvez antes –, sabe o quanto sonhei ser jornalista e sempre me incentivou. Obrigada por estar presente na minha vida, por me apoiar, por acreditar em mim. Te amo.

Aos personagens que deram voz a esta obra, minha eterna gratidão. Desde o primeiro contato, vocês foram acolhedores, respeitosos e generosos. Abriram suas casas, compartilharam suas histórias e dedicaram um tempo precioso para me atender. Jeremias, Grécia, Amarildo e Lauzenir, vocês são incríveis. Obrigada por confiarem em mim.

Ao meu orientador, Reinaldo, que me acompanha desde o primeiro ano do curso e que, desde a primeira aula, eu já sabia que queria ao meu lado neste projeto. Foi um dos primeiros a conhecer minha ideia e se entusiasmou junto comigo. Me sugeriu caminhos, tirou

dúvidas, fez correções e esteve sempre disponível. Sem sombra de dúvidas, foi a melhor escolha para me guiar na construção deste livro-reportagem.

E, por fim, à banca, que aceitou o convite e se dispôs a ler algumas páginas de um trabalho árduo, mas profundamente gratificante. Obrigada por cada olhar atento, por cada sugestão e pelo tempo dedicado a esta estudante.

RESUMO

SANTOS, Luiza Arlindo dos. **Ecos da Rua: Um Livro-reportagem Acerca da Aporofobia e Resistência**. 2025. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso Jornalismo – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

Este trabalho apresenta uma investigação jornalística sobre como a aporofobia — neologismo cunhado em 1995 pela filósofa espanhola Adela Cortina— afeta o cotidiano de cidadãos em situação de vulnerabilização social. Ao elaborar o conceito, Cortina analisa o medo e a rejeição direcionados a pessoas em condições de pobreza e desamparo, bem como a manifestação de atitudes e políticas discriminatórias que perpetuam essa exclusão. A aporofobia atravessa a vida de indivíduos invisibilizados pela sociedade e, frequentemente, pelo Estado. Para embasar essa discussão, foi utilizado o livro “Elite do Atraso: da escravidão à Lava Jato”, de Jessé Souza, que explora, entre outros temas, a história da pobreza no Brasil. A obra oferece um contexto histórico e social sobre como as populações pobres foram marginalizadas e abandonadas à própria sorte. O crescente número de pessoas em situação de rua, bem como o aumento de refugiados no Brasil, reforça a urgência de compreender e enfrentar essa questão. Nesse cenário, o objetivo deste trabalho vai além da análise, busca dar visibilidade a personagens que superaram a situação de rua, assim como a imigrantes e refugiados que deixaram seus países de origem. A abordagem inclui a documentação de suas histórias de vida, a análise de suas rotinas e a reflexão sobre o impacto da aporofobia em suas trajetórias. O resultado dessa investigação culmina no livro-reportagem “Ecos da rua: retratos de sonhos e lutas”. Guiado pelos conceitos de Edvaldo Pereira Lima, o trabalho opta por não se concentrar em figuras individuais, mas em uma região geográfica, um setor da sociedade e um segmento econômico. O objetivo é traçar um retrato coletivo, evidenciando o impacto da exclusão e, simultaneamente, as narrativas de resiliência e superação. A obra visa promover a compreensão, a inclusão social e a humanização dessas pessoas, contribuindo para o debate e para a construção de uma sociedade mais empática e igualitária.

Palavras-chave: aporofobia; livro-reportagem; imigrantes; refugiados; moradores em situação de rua.

ABSTRACT

SANTOS, Luiza Arlindo dos. **Echoes of the Street: Portraits of Dreams and Struggles**. 2025. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso Jornalismo – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

This work presents a journalistic investigation into how aporophobia—a neologism coined in 1995 by Spanish philosopher Adela Cortina —affects the daily lives of individuals in situations of social vulnerability. In developing the concept, Cortina analyzes the fear and rejection directed toward people living in poverty and distress, as well as the discriminatory attitudes and policies that perpetuate this exclusion. Aporophobia infiltrates the lives of individuals who are rendered invisible by society and, often, by the state. To support this discussion, the book “The Elite of Backwardness: from slavery to operation car wash” by Jessé Souza was utilized. This work explores, among other topics, the historical and social context of poverty in Brazil, shedding light on how impoverished populations have been marginalized and abandoned. The significant increase in the number of homeless individuals and refugees in Brazil underscores the urgency of understanding and addressing this issue. In this context, the aim of this work extends beyond analysis; it seeks to give voice to those who have overcome homelessness, as well as to immigrants and refugees who have left their home countries. This approach involves documenting their life stories, analyzing their daily routines, and reflecting on the impact of aporophobia on their journeys. The culmination of this investigation is the book-report “Echoes of the street: portraits of dreams and struggles”. Guided by the concepts of Edvaldo Pereira Lima, the work chooses not to focus on individual figures but rather on a geographic region, a segment of society, and an economic sector. The goal is to create a collective portrait that highlights both the impact of exclusion and the narratives of resilience and triumph. The book aims to promote understanding, social inclusion, and the humanization of these individuals, contributing to the debate and fostering the construction of a more empathetic and equitable society.

Key-words: aporophobia; book-report; immigrants; refugees; people experiencing homelessness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cores utilizadas	26
Figura 2 – Corpo do texto	27
Figura 3 – Exemplo de título de capítulo.....	27
Figura 4 – Exemplo de intertítulo do capítulo	27
Figura 5 – Capa.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CadÚnico	Cadastro Único
CECA	Centro de Educação Comunicação e Artes
Centro POP	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua
CLCH	Centro de Letras e Ciências Humanas
Conare	Comitê Nacional para os Refugiados
Disoc	Diretoria de Estudos e Políticas Sociais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
N.Com	Núcleo de Comunicação
PML	Prefeitura Municipal de Londrina
PSR	Pessoa em situação de rua
SMAS	Secretaria Municipal de Assistência Social
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DISCUSSÃO TEÓRICO CONCEITUAL	15
3	METODOLOGIA.....	25
4	MEMORIAL DESCRITIVO DO PROCESSO PRODUTIVO	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6	REFERÊNCIAS	38
7	ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

Segundo a filósofa espanhola Adela Cortina (2020), situações nas quais os indivíduos sofrem com o preconceito e o rechaço contra um determinado grupo social são amostras palatáveis de aporofobia, ou seja, “de rejeição, aversão, temor e desprezo ao pobre, ao desamparado que, ao menos aparentemente, não pode devolver nada de bom em troca” (CORTINA, 2020, p. 18). Nesse viés, o mundo é construído a partir de contratos políticos, econômicos ou sociais “de dar e receber, no qual só podem entrar os que parecem ter algo de interessante para dar em retorno” (CORTINA, 2020, p. 19). Ou seja, o neologismo aporofobia aborda pensamentos, atitudes, práticas e políticas presentes nas relações sociais que desprezam uma pessoa devido à sua condição puramente socioeconômica.

É o pobre que incomoda, o sem recursos, o desamparado, o que parece que não pode trazer nada de positivo ao PIB do país em que chega ou em que vive há muito tempo, o que, aparentemente, pelo menos, não trará mais do que complicações. É o pobre que, segundo dizem os despreocupados, aumentará os custos da saúde pública, tomará o trabalho dos nativos, será um potencial terrorista, trará valores muito suspeitos removerá, sem dúvidas, o “bem-estar” de nossas sociedades, nas quais indubitavelmente há pobreza e desigualdade, mas incomparavelmente em menor grau do que sofrem os que fogem das guerras e da miséria (CORTINA, 2020, p. 18).

Cunhado pela primeira vez em uma coluna, o neologismo, que vem de duas palavras gregas: “*áporos*”, o pobre, o desamparado, e “*fobéo*”, que significa temer, odiar e rejeitar, surgiu a partir de uma inquietação e, conseqüentemente, da necessidade de dar um nome para poder reconhecê-la, buscar suas causas e propor caminhos para superá-la, pois, a aporofobia caracteriza-se por ser um atentado diário contra a dignidade, o bem-estar social e o bem-estar das pessoas concretas.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a aporofobia surgiu em um momento no qual o debate acerca dos direitos humanos bem como a dignidade das pessoas em condição de pobreza ou extrema pobreza - sejam eles pessoas em situação de rua (PSR) ou imigrantes e refugiados - mostra-se de suma importância, pois, esses grupos são frequentemente alvos de discriminação, de estigmatização e de exclusão social com base em sua condição socioeconômica vulnerável. Para além da violência verbal praticada contra esses indivíduos, a violência física também se mostra presente.

Hoje, no Brasil, é possível reconhecer que uma série de fatores fazem com que cada vez mais cidadãos cheguem até as ruas. De acordo com o estudo de autoria de Marco Natalino

(2024), nos últimos 10 anos, das 96 milhões de pessoas presentes no Cadastro Único (CadÚnico), 227 mil pessoas estavam oficialmente registradas como em situação de rua (NATALINO, 2024, p. 7). Natalino é especialista em políticas públicas e gestão governamental, da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Isso representa um salto de 935,31% em comparação à mesma pesquisa divulgada em 2013, que contabilizava quase 21 mil. O CadÚnico foi instituído pelo Decreto 3.877 de 2001, com a finalidade de concentrar as políticas sociais do Governo Federal.

O estudo ainda aponta que diversas causas levam à situação de rua, como problemas relacionados a familiares ou companheiros (47,3%) e desemprego (40,5%) (NATALINO, 2024, p. 20). Além disso, o estudo apresentou dados referentes à presença de 10.586 estrangeiros em situação de rua, advindos de países vizinhos (42%), com a Venezuela correspondendo a 30% desse total.

Os países lusófonos, que englobam um conjunto de países e de povos cuja língua materna, corrente ou oficial, é o português, por sua vez, são a origem de um terço dos estrangeiros em situação de rua, sendo a maioria (32%) provenientes de Angola. A Ásia responde por 15% da PSR estrangeira, incluindo 1.396 afegãos; outros países africanos por 6%, 149 marroquinos; outros países latino-americanos e caribenhos por 4%, 169 haitianos (NATALINO, 2024, p. 24).

Em outra publicação (SILVA e et al, 2024), responsável por apresentar dados inéditos que permitem entender as diferentes nuances do refúgio no Brasil, apontou que, no ano de 2023, o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) decidiu pelo deferimento de 128 processos, o que significa que, naquele ano, o Comitê reconheceu 77.193 pessoas refugiadas no Brasil (SILVA e et al. 2024, p. 25), uma variação positiva de 1.232,1% se comparado ao ano de 2022, quando foram reconhecidas 5.795 pessoas como refugiadas. Logo, este número somado ao número de pessoas reconhecidas em 2022 (65.840 refugiados), totalizaram 143.033 reconhecimentos.

Os dados do relatório ainda apontam para o número de solicitantes de reconhecimento da condição de refugiados venezuelanos, 112.644 solicitações, que corresponderam a 81,4% do total de pedidos apreciados pelo Comitê (e por sua Coordenação-Geral) em 2023. Destacam-se ainda as solicitações de haitianos (5,6%), cubanos (2,9%), angolanos (1,7%) e bengalis (1,2%) (SILVA e et al. 2024, p. 20)

Analisando a partir de uma delimitação focada na cidade de Londrina que, hoje, conta com uma população total, conforme o Censo Demográfico (IBGE, 2022), de 555.937

habitantes, em 2023, a Secretaria de Assistência Social (SMAS) apontou que cerca de 58.117 pessoas não têm nenhum tipo de renda na cidade, totalizando 26.514 famílias que dependem exclusivamente de benefícios sociais para se manter.

A informação consta da base de dados do CadÚnico, que também aponta que 81.436 pessoas vivem com uma renda entre R\$ 1,00 e R\$ 651,00 por mês (SABBADINI, 2024). Na prática, os dados da cidade mostram um número muito maior de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza e sem acesso a uma vida digna.

Esse breve panorama ajuda a compreender os dados referentes às pessoas em situação de vulnerabilização social e que, frequentemente, são invisibilizadas e vítimas de discriminação. Contudo, apenas a utilização de dados ainda cria uma distância entre os relatórios e a realidade de indivíduos que perpassaram por esse cenário de forma concreta. Logo, a presente pesquisa faz-se relevante para investigar, sob viés jornalístico, a realidade das pessoas que, hoje, conseguiram alcançar novos espaços fazendo com que o desafio, agora, seja a permanência nos ambientes.

Do ponto de vista jornalístico, o objetivo é fazer uma investigação em profundidade em livro-reportagem e, para isso, a estratégia definida é a de retratar pessoas que passaram um longo período da vida em situação de rua e que são imigrantes ou refugiados de modo a contar suas histórias de vida, revelar suas rotinas de trabalho, lazer, estudo e assim por diante. O retrato jornalístico foi escolhido uma vez que, conforme Edvaldo Pereira Lima (2004), esse tipo de livro-reportagem

Exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento de atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. Visa elucidar, sobretudo, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo explicativo. Por isso trabalha a metalinguagem, na troca em miúdos de um campo específico do saber para o grande público não especializado (LIMA, 2004, p. 53)

Os resultados da investigação foram apresentados em formato de um livro-reportagem. O conceito e a classificação de livro-reportagem usados também se baseiam nas ideias de Lima (2004).

2 DISCUSSÃO TEÓRICA CONCEITUAL

Para a realização deste projeto experimental, foi adotada uma abordagem jornalística de livro-reportagem retrato para investigar e retratar a vida de pessoas em situação de rua – e que superaram essa condição - e refugiados e imigrantes. Segundo a classificação de Edvaldo Pereira Lima (2004), o livro-reportagem retrato é definido por focar em uma região geográfica, setor da sociedade ou segmento econômico.

Exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento de atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. Visa elucidar, sobretudo, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo explicativo. Por isso trabalha a metalinguagem, na troca em miúdos de um campo específico do saber para o grande público não especializado (LIMA, 2004, p. 53).

Contudo, o fato do retrato ser utilizado para a produção do livro-reportagem não o restringe para as demais definições apresentadas por Lima (2004) que também podem surgir devido a composição do produto.

Para a metodologia, a coleta de dados oficiais vinculados ao Governo do Estado e Federal mostrou-se de grande importância para entender, em números, o panorama do país. Da mesma forma, as entrevistas e observações feitas a partir do contato com indivíduos, em seus locais de moradia, que superaram a situação de rua e refugiados e imigrantes na cidade de Londrina, foi de suma importância para incorporar e embasar questões teóricas referentes ao conceito de aporofobia e o panorama da pobreza estrutural, que assola o país desde o Brasil Colônia.

Conforme o aprendizado descentralizado ensinado para a sociedade, em específico quando cidadãos estão em instituições de ensino municipais e estaduais, durante o período colonial, a economia brasileira estava baseada na monocultura de exportação, principalmente da cana-de-açúcar, no uso extensivo do trabalho escravizado. Nesse cenário, a sociedade colonial era hierarquizada, com grandes latifundiários no topo da pirâmide social e escravos africanos e indígenas na base que alimentavam com suor e exaustão essa estrutura.

Muitos falaram de escravidão como se fosse um mero “nome”, sem eficácia social e sem consequências duradouras (...). Compreender a escravidão como conceito é muito diferente. É perceber como ela cria uma singularidade excludente e perversa. Uma sociabilidade que tendeu a se perpetuar no tempo, precisamente porque nunca foi efetivamente compreendida nem criticada (SOUZA, 2017, p. 11).

Esse modelo econômico e social gerou uma distribuição de riqueza desigual, na qual a maioria da população vivia em condições de extrema pobreza, enquanto grandes latifundiários usufruíam do dinheiro advindo da mão de obra explorada. A família patriarcal dominava o cenário social, com o chefe da família controlando não apenas a terra, mas também as vidas dos escravos e dos pobres livres que dependiam economicamente dos latifundiários. Nessa perspectiva, as possibilidades para aqueles que não possuíam poder aquisitivo de alçar novos ares eram baixas, quase nulas.

O sociólogo, advogado, professor universitário, escritor e pesquisador brasileiro, Jessé José Freire de Souza, ou apenas, Jessé Souza (2017), argumenta que o Brasil moderno continua a carregar as consequências de sua história colonial, especialmente em relação à desigualdade e à estratificação social.

Souza (2017) descreve como a pobreza foi institucionalizada e perpetuada por meio de um ciclo vicioso, que combina pobreza econômica com pobreza em outras dimensões da vida, impedindo o desenvolvimento de autoestima e autoconfiança nas classes mais pobres da população.

Como a escravidão exige a tortura física e psíquica cotidiano como único meio de dobrar a resistência do escravo a abdicar da própria vontade, as elites que comandaram esse processo foram as mesmas que abandonaram os seres humilhados e sem autoestima e autoconfiança e os deixaram à própria sorte (SOUZA, 2017, p. 50-51).

A partir dessa perspectiva, o autor critica a elite brasileira por dar continuidade a um sistema de exploração que começou na época colonial e que, segundo ele, foi atualizado para os tempos modernos por meio de práticas econômicas e sociais que mantêm a maioria da população em uma situação de subcidadania e pobreza estrutural.

Com a abolição da escravidão em 1888, a situação das pessoas libertas da escravidão não melhorou significativamente. Sem qualquer tipo de compensação ou suporte governamental, muitos foram forçados a viver em condições de extrema precariedade nas cidades, formando os primeiros núcleos de favelas. Mesmo com a transição do Brasil colonial para a República, a estrutura social se manteve desigual, com as elites agrárias continuando a dominar a política e a economia do país. Já a urbanização, intensificou as desigualdades, piorando as condições de vida dos negros e mestiços livres, que enfrentavam uma dura realidade de desemprego, fome e violência.

Desse modo, a urbanização representou uma piora nas condições de vida dos negros livres e de muitos mestiços pobres das cidades. O nível de vida baixou, a comida ficou pior e a casa também. Seu abandono os fez, então, perigosos, criminosos, maconheiros, capoeiras, etc. Os sobrados senhoriais, também nenhuma obra-prima em termos de condições de moradia, por serem escuros e anti-higiênicos, tornaram-se com o tempo prisões defensivas do perigo da rua, dos moleques, dos capoeiras, etc. Uma lógica de convivência naturalizada com a desigualdade social que também veio para ficar, como sabemos, hoje em dia, na sociedade dos condomínios fechados. (SOUZA, 2017, p. 40).

Após a revolução de 1930, em específico no século XX, o Brasil começou, durante o governo de Getúlio Vargas, a participar do processo de industrialização resultando em uma migração massiva da população do campo para as cidades. “A mudança social implicada pela mudança do campo para a cidade abre, portanto, oportunidades antes imprevisíveis para esse estrato (SOUZA, 2017, p. 41).

Durante o período de crescimento urbano, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, conhecidas até hoje como grandes centros urbanos, apresentaram impactos significativos na estrutura social do país, advindo da industrialização. Esse processo deu origem a novas classes sociais, como a classe trabalhadora urbana e industrial e uma classe média moderna.

O período também intensificou a desigualdade social e a pobreza, a partir das novas classes sociais que ainda mantinham vínculos com os padrões de dominação herdados do passado escravocrata. O Brasil, portanto, entrou no século XX em meio a profundas mudanças econômicas e sociais, mas continuou a reproduzir desigualdades estruturais que persistem até os dias de hoje.

Será apenas a partir do Estado Novo de Vargas que a criação de uma sociedade de outro tipo, moderna e industrial, será perseguida pela primeira vez sob a forma de um projeto nacional de desenvolvimento articulado e refletido. Esse período inaugura o começo da sociedade brasileira atual e consolida uma configuração de classes específica (...) com um padrão de dominação social e política que continua até nossos dias. (SOUZA, 2017, p. 65).

O pesquisador destaca, como essas elites têm perpetuado a desigualdade social e a exclusão econômica no Brasil até os tempos atuais. Souza (2017) argumenta que, desde o período colonial, as elites brasileiras mantêm-se no poder explorando e marginalizando as classes mais baixas, mantendo uma estrutura social baseada na escravidão, que se perpetuou mesmo após a abolição formal da escravidão em 1888.

Souza (2017) discute, ao longo das páginas, como a elite manipula as instituições políticas e econômicas para garantir seus interesses, utilizando a corrupção como ferramenta

para manter seu domínio. Além disso, ele critica o papel da classe média, que, segundo ele, é cooptada por essa elite para legitimar o sistema de desigualdade.

Ao refletir sobre as palavras do educador e filósofo Paulo Freire (1987), é possível perceber uma síntese poderosa de suas ideias. Dentro de todo opressor há um oprimido e quando a educação não é verdadeiramente libertadora o sonho do oprimido é se tornar um opressor (FREIRE, 1987). Embora a frase seja frequentemente utilizada para debater questões pedagógicas, sua relevância transcende o campo educacional, abordando a dinâmica de opressão em sociedades marcadas pela desigualdade.

Freire (1987) argumenta que, em contextos de opressão, os oprimidos tendem a internalizar os valores e comportamentos dos opressores. Essa internalização, muitas vezes inconsciente, pode levar ao desejo de reproduzir as mesmas estruturas de dominação ao alcançar posições de poder. Esse fenômeno é visível em diversas classes sociais, como no caso da classe média brasileira, que frequentemente aspira a padrões de vida e práticas das elites, perpetuando a lógica de exclusão.

Como a classe média é uma classe intermediária, entre a elite do dinheiro, de quem é uma espécie de “capataz moderno”, e as classes populares a quem explora, ela tem que se autolegitimar tanto para cima quanto para baixo. Uma estrutura de justificação da vida bifronte, como o deus Juno da mitologia. Não por acaso precisamente as duas ideias centrais que a elite do dinheiro e seus intelectuais orgânicos construíram para tornar a classe média cativa e manipulável simbolicamente pela elite (SOUZA, 2017, p. 96).

A solução proposta por Freire (1987) para romper com esse ciclo está na educação. Ele defende que a educação deve ir além do ensino de habilidades básicas, como ler e escrever, e se transformar em um processo que permita aos estudantes refletirem criticamente sobre o mundo ao seu redor. Somente por meio de uma educação verdadeiramente libertadora, que fomente o pensamento crítico e a consciência social, será possível superar o domínio da elite. Além disso, a frase reforça a ideia de que a alfabetização não deve ser apenas técnica, mas também política e reflexiva, capacitando as pessoas a interpretar e transformar sua realidade. Para Freire, uma educação libertadora é essencial para criar cidadãos conscientes, capazes de resistir à opressão e promover mudanças estruturais.

No contexto moderno, Souza (2017) argumenta que essa elite utilizou operações como a Lava Jato e o apoio da grande mídia para manipular a opinião pública, promovendo um moralismo seletivo que visa desestabilizar governos populares e manter o status quo. Logo, o conceito de "elite do atraso" do sociólogo reflete uma crítica profunda à forma como a

estrutura de poder no Brasil perpetua-se por meio do controle social e da exploração econômica, impedindo avanços significativos em direção à igualdade e justiça social.

Para além da discussão sobre o processo de marginalização dos mais vulneráveis durante a construção do país – do Brasil colônia aos dias de hoje – o sociólogo, professor e economista brasileiro, Paul Singer (2010), - conhecido por suas contribuições, durante duas décadas, ao estudo aprofundado sobre economia solidária e sua atuação como secretário nacional de Economia Solidária, o que o tornou referência nacional e internacional sobre o tema - apresenta questões referentes a diferença entre a pobreza e a miséria, além de propor caminhos para enfrentar essa condição social.

Segundo Singer (2010, p. 1), a “pobreza pode ser conceituada como falta de recursos monetários para a aquisição de bens e serviços essenciais a uma vida ‘normal’”, ou seja, caracteriza-se pela falta de recursos para atender a uma vida cotidiana regular, mas ainda com acesso limitado a bens e serviços essenciais. Já a miséria “seria uma pobreza tão extrema que suas vítimas não dispõem de dinheiro sequer para adquirir uma quantidade mínima alimentos e outras coisas essenciais à mera sobrevivência” (SINGER, 2010, p. 1), em outras palavras, é uma pobreza tão extrema que afeta as pessoas em níveis no qual nem as necessidades básicas conseguem ser suprimidas. É marcada pela exclusão social severa e falta de amparo, levando os indivíduos a viverem em situação de rua.

Entre ambas há diferenças gritantes, a começar pela pobreza. Os pobres, geralmente, integram uma rede de apoio mútuo em comunidades, lutam contra a pobreza por meio da educação e mobilizações sociais e, mesmo excluídos em muitos direitos, em um contexto democrático, possuem uma possibilidade maior – quando comparados aos miseráveis – de lutar por inclusão social e melhores condições sociais.

São os pobres que se deixam mobilizar por movimentos sociais que lutam contra a pobreza reivindicando luz, água e esgoto, condução pública, asfaltamento de ruas e construção de casas de interesse social, creches, escolas, postos de saúde etc.. E se considerarmos que os trabalhadores que ganham apenas o salário mínimo ou pouco mais são todos pobres, não há dúvida que muitos se filiam a sindicatos e participam das lutas salariais de suas categorias (SINGER, 2010, p. 2).

Já os miseráveis, devido à condição de extrema exclusão, têm dificuldades de se organizar ou lutar por direitos. Muitas vezes, a presença deles em espaços públicos provoca repulsa ou culpa nas classes sociais mais favorecidas. Além disso, a miséria não é apenas econômica, mas também cultural e social, exigindo esforços para reverter as condições que

perpetuam essa exclusão.

Como os miseráveis vivem à parte de todo resto da sociedade, o máximo que parecem exigir é que os deixem em paz. A mera presença dos miseráveis nas praças e jardins públicos já perturba o respeitável público a ponto de serem escorraçados pelos guardiões da ordem, A mera presença da miséria desperta nos demais sentimentos de repulsa, temor ou quem sabe culpa a ponto de se poder talvez contar com o seu apoio ativo para uma campanha de erradicação da miséria (SINGER, 2010, p. 2-3).

Assim, Singer (2010) propõe que, para erradicar a miséria, é preciso realizar e promover medidas estruturais e integradas a fim de incentivar não apenas o alívio das condições de exclusão, mas, também, a reintegração efetiva desses indivíduos na sociedade.

Assim, a partir da manutenção desse sistema que marginaliza e oprime pessoas em situação de vulnerabilização bem como os atos de violência verbal ou física praticada contra esses indivíduos, Cortina (2020) discute com mais profundidade as violências cometidas contra essa população.

Logo no início da obra, a filósofa apresenta para os leitores o conceito do termo bem como a sua origem e relevância social. A autora explica que, ao contrário de outras formas de fobia social, como a xenofobia - aversão a estrangeiros - ou a homofobia - aversão a pessoas LGBTQI+ -, a aporofobia é um preconceito direcionado especificamente aos pobres, marginalizados ou excluídos da sociedade que visa dar nome a um fenômeno que sempre existiu, mas que não tinha uma denominação específica e que, frequentemente, é confundido com outras formas de discriminação, mas que tem sua própria dinâmica e características. Ao dar nome a essa aversão, Cortina (2020) busca reconhecer o problema, entendê-lo melhor e criar estratégias a fim de superá-lo.

Ao argumentar que a aporofobia está profundamente enraizada em estruturas sociais que valorizam as pessoas pelo que elas podem oferecer economicamente, a criadora do neologismo explica que, em uma "sociedade de troca", na qual todos são valorizados pelas contribuições materiais, o pobre é considerado "sem-lugar", uma pessoa que não possui nada de valor para oferecer.

O princípio adaptativo foi cunhando esse cérebro contratualista, que nos leva não a buscar o bem maior para o maior número de pessoas, não a promoção dos mais favorecidos, mas a selar um pacto de ajuda mútua com todos aqueles que são necessários para nossa sobrevivência e prosperidade. Os pobres são aqueles que não têm a possibilidade de dar algo em troca em um mundo baseado no jogo de dar e receber. Assim, parece que levá-los em consideração implica perder capacidade adaptativa biológica e social, pois são os bem situados que podem ajudá-los a sobreviver e prosperar. (CORTINA, 2020. p.

99-100).

Um exemplo disso, é o fato de a sociedade se mostrar acolhedora com turistas estrangeiros, como artistas internacionais, jogadores e políticos, enquanto rejeita imigrantes pobres, refugiados e moradores em situação de rua.

A hostilidade contra os mais vulneráveis está presente, ainda, em crimes de ódio, baseados em preconceitos justificados por estereótipos pejorativos que culpam os pobres por sua própria condição e por meio dos discursos de ódio, que, no contexto da aporofobia, servem para perpetuar a exclusão e a marginalização, reforçando a ideia de que eles são uma ameaça ou um fardo para a sociedade.

Quanto ao discurso de ódio (*hate speech*), é também, infelizmente, tão antigo quanto a humanidade. Ele consiste em qualquer forma de expressão cuja finalidade seja propagar, incitar, promover ou justificar o ódio a determinados grupos sociais, a partir de uma posição de intolerância. Com este tipo de discurso se pretende estigmatizar determinados grupos e abrir as portas para que possam ser tratados com hostilidade. (CORTINA, 2020. p. 40).

O debate sobre os discursos de ódio mostra-se de grande importância pensando que, nos tempos de hoje, há uma confusão em relação à quando termina a liberdade de expressão e começa o discurso de ódio contra os indivíduos. “A liberdade de expressão é, sem dúvida, um direito básico nas sociedades abertas que é preciso defender e potencializar, mas não é um direito absoluto, pois tem seus limites quando, com ele, viola-se algum outro direito ou bem básico”, (CORTINA, 2020. p. 57).

Cortina (2020) também explica a origem da aporofobia em nossas vidas ao explorar as bases neurológicas. Segundo ela, nosso cérebro é programado para reconhecer e favorecer membros do próprio grupo ao mesmo tempo em que desconfia de “estranhos”, ou seja, aqueles que são diferentes do que estamos habituados a conviver.

A partir dessa avaliação, a filósofa justifica que essa pode ser uma das explicações para a aporofobia, que se manifesta como um mecanismo de defesa biológico e social. Contudo, mesmo que o cérebro reaja de formas diferentes a depender dos grupos ou dos indivíduos que os compõem ou não, as reações, segundo a autora, podem ser influenciadas e modificadas pela educação, cultura e experiências pessoais, que, no final, podem promover mais empatia com o outro, ou seja, mesmo havendo raízes biológicas é possível promover mudanças através de intervenções educacionais e sociais pois o cérebro, segundo a autora, tem grande plasticidade e é influenciado socialmente.

A educação formal e informal, serão essenciais as decisões tomadas ao longo da vida, mas também a criação de instituições e organizações que reforcem o reconhecimento dos que não têm poder. Segue-se que, para estar à altura daquele sonho compartilhado (...), nem o egoísmo, nem mesmo o desejo de cooperar são suficientes enquanto critérios de conduta. É preciso ir além disso, em direção ao reconhecimento recíproco da dignidade e à compaixão, que rompe barreiras e se estende universalmente. Isso não vem inscrito nos genes, instalado no cérebro, mas o bebemos nas tradições culturais, as quais constituem a experiência humanizadora por excelência. (CORTINA, 2020, p. 100-101).

Para além do investimento em instituições, educação e cultura, a aporofobia pode ser superada através da consciência moral, importante para combater preconceitos e atitudes discriminatórias “capaz de assumir o controle da própria vida, capaz de agir por si mesma e não apenas por pressão do entorno” (CORTINA, 2020, p. 104), ou seja, uma voz do interior que, quando educada, contribui para que as pessoas hajam de maneira autônoma e justa sem estarem presas as pressões sociais e da reputação ou, simplesmente, preocupação com o que os outros pensam.

Esta, por sua vez, pode ser um aliado positivo para moldar comportamentos mais éticos e inclusivos ou enfraquecer determinadas condutas. Ao analisar as ações do corpo social é possível compreender que a reputação pode levar pessoas a agirem de maneira sociável, mas não, necessariamente, moral.

O reconhecimento de boa ou má reputação no caso das pessoas, empresas, organizações ou instituições é um instrumento muito poderoso que a sociedade pode usar, e de fato utiliza, para incentivar um tipo de ação e enfraquecer outras, para reforçar condutas pró-sociais ou justamente o contrário. Precisamente por isso, é essencial conhecer e ponderar a força da reputação, mas, ao mesmo tempo, fortalecer a consciência para que saiba discernir e agir sem se submeter ao imperativo do que é socialmente correto. Caso contrário, apenas as fobias socialmente proibidas serão repudiadas e aquelas aceitas pela força social serão tidas como certas (CORTINA, 2020, p. 105).

Nesse cenário, o fortalecimento da consciência moral, a fim de fazer com que as pessoas tenham atitudes apropriadas, mesmo que isso vá contra a reputação socialmente construída, é essencial para o desenvolvimento humano.

Ao olhar esse panorama, a erradicação da pobreza foi um dos tópicos destrinchados pela autora que, por sua vez, defende que a questão é um dever de justiça social, não apenas uma questão de caridade. As discussões se estendem também ao fato de que a pobreza, como dito por Souza (2017) e por Cortina (2020) priva os indivíduos de sua liberdade

sendo essencial as discussões e, também, ações concretas para garantir a igualdade de oportunidades.

Neste livro, adotaremos a caracterização de Amartya Sen, segundo a qual a pobreza é a falta de liberdade, a impossibilidade de levar a cabo os planos de vida que uma pessoa tenha razões para valorizar. Como é conhecido e comentaremos mais adiante, Sen e também Nussbaum entendem que há certas capacidades básicas que todos os seres humanos deveriam poder exercer para levar adiante seus planos de vida. (CORTINA, 2020, p. 53).

Quando levanta esse tópico, a autora argumenta que a pobreza é evitável e apresenta várias propostas para reduzir a desigualdade, incluindo políticas públicas que promovam o empoderamento dos pobres, ao invés de apenas protegê-los ou assisti-los, ou seja, para superar a aporofobia, é necessário criar uma sociedade que valorize todas as pessoas e que promova o bem-estar de todos, não apenas dos mais economicamente produtivos.

As políticas de combate à pobreza podem ser tomadas como medidas para proteger os indivíduos ou sociedades, ou como medidas para promover as pessoas. Enquanto medidas para proteger os indivíduos, permitem atender às necessidades mais básicas e, portanto, são justificadas quando são tomadas conjuntamente para evitar a perda de vidas. Mas, uma vez que essas necessidades urgentes forem atendidas, as medidas antipobreza podem levar à cronificação da pobreza e ao que tem sido chamado de “armadilha da pobreza”, porque as pessoas ganham o suficiente para sobreviver, mas não para sair dela. Muitas políticas populistas levam as pessoas a cair nessa armadilha, com a qual não avançam e passam a depender totalmente de seus supostos benfeitores: votam neles incondicionalmente porque sua sobrevivência depende deles. O contrário do que deveria uma cidadania autônoma. Por isso, uma boa política antipobreza é a que tenta promover as pessoas que possam dela sair. (CORTINA, 2020, p.167).

Ao analisar, mais especificamente, a crise global de refugiados e o tratamento dos imigrantes pobres, Cortina (2020) sugere que a sociedade deve adotar uma postura de solidariedade universal ao explorar o conceito de hospitalidade cosmopolita que, por sua vez, deve ser vista tanto como um direito quanto um dever ético.

(...) a hospitalidade surge como uma virtude pessoal, mas também como um dever cujo cumprimento exige o fato de se perceber a necessidade do estrangeiro e dos necessitados, sua vulnerabilidade. Trata-se de responder ao seu desamparo e não há resposta humana que não seja o acolhimento (CORTINA, 2020, p. 192).

Contudo, ela reforça que a ideia de institucionalização da hospitalidade para que não fique presa apenas a atos pessoais.

A autora propõe que a hospitalidade cosmopolita é um sinal de civilização avançada e uma virtude necessária para a convivência democrática defendendo que o acolhimento de

estrangeiros, refugiados e pobres é uma exigência ética incondicional, que deve estar no centro das políticas públicas e da moralidade social.

Nessa perspectiva, a pesquisa e a produção do livro-reportagem retrato “Ecos da rua: retratos de sonhos e lutas” buscam preencher uma lacuna na representação desses grupos em espaços de direito do povo, oferecendo uma visão mais detalhada e humana de suas experiências com as suas histórias e do dia a dia em uma abordagem jornalística.

Assim, o objetivo é realizar uma investigação jornalística sobre como a aporofobia esteve presente na vida dos personagens escolhidos ao ter contato com suas vivências nas ruas e sua rotina, hoje, após superar essa condição.

Para além disso, investigar e documentar, a fim de identificar e retratar as histórias de vida de pessoas que passaram um longo período em situação de rua, retratar a realidade, ao mostrar as rotinas diárias dessas pessoas, incluindo aspectos relacionados ao trabalho, lazer e estudo e analisar o impacto da aporofobia.

3 METODOLOGIA

O recorte geográfico - ou seja, a intenção de limitar a abordagem à região de Londrina - ajudou a tornar o processo de pesquisa, entrevista e análise mais objetivo e localizado, a fim de evitar análises descontextualizadas. Quanto às fontes selecionadas, busca-se trabalhar com a maior diversidade possível, desde pessoas que superaram a situação de rua até imigrantes que, hoje, moram em Londrina. Para tal, os personagens Jeremias Emídio Ferreira, Amarildo Aparecido Rodrigues e Lauzenir Antônio Batista foram consultados e, por fim concordaram em participar como fontes que superaram a situação de rua.

Para ter trocas que correspondem a imigrantes e refugiados, Grécia Alexandra Iriarte concordou em contar sua história. Para tal, o Programa de Atendimento e Acompanhamento aos Migrantes, Refugiados, Apátridas e Suas Famílias, executado pela Cáritas Arquidiocesana de Londrina, referência no Comitê Nacional de Refugiados (CONARE) e no Conselho Estadual dos Direitos dos Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná (CERMA/PR) foi de suma importância para localizar a personagem por já realizar um trabalho extenso com essas pessoas.

Para entrar em contato com a instituição, a Coordenadora de Gestão do Programa de Atendimento e Acompanhamento aos Migrantes, Refugiados, Apátridas e Suas Famílias, Taís Roberta Gaio Paton Monsato, foi consultada e concordou em ajudar a fim de tornar o contato respeitoso.

Em relação à redação do livro, a linguagem utilizada é simples e em primeira pessoa, e, no decorrer das páginas, mescla as narrativas jornalística e literária, como é característica dos perfis jornalísticos e dos livros-reportagem (LIMA, 2004), ao mesmo tempo em que se buscou trazer de forma fluida e linear, durante as histórias dos personagens, dados referentes a atual situação do Brasil em relação a moradores em situação de rua e imigrantes e refugiados. O contexto histórico acerca do processo de marginalização dos mais vulneráveis e, também, sobre a aporofobia, também foi trabalhado no livro-reportagem. Por se tratar de uma mídia impressa, o produto possui o tamanho de uma folha A5 (21 cm de altura 14,8 cm de largura), com margens de 2 cm (superior, inferior, esquerda e direita).

As respostas de cada fonte às entrevistas foram relatadas na forma de citação direta, através as aspas e em itálico, e na forma de citação indireta. Pensando no enriquecimento do livro-reportagem, a observação do ambiente, o contato inicial com cada entrevistado, o agendamento da entrevista e demais detalhes do processo também foram relatados no livro.

O produto conta com uma breve apresentação, termo substituído por “inquietações”,

que busca apresentar as motivações da autora referente à temática bem como uma explicação sobre a aporofobia e um contexto sobre a pobreza no Brasil. É seguido pelo sumário e cinco capítulos.

Nesta obra, cada entrevistado – quatro – é o personagem central de um capítulo a fim de preservar as singularidades vivenciadas, sendo o último reservado para uma visão da autora sobre como foi o processo até a finalização do livro, uma indicação feita pela banca avaliadora no TCC I. Ademais, cada capítulo trabalha com informações acerca do contexto no qual o personagem está inserido de forma fluida, com o intuito do leitor não sentir uma diferença brusca entre a literatura e demais informações técnicas.

Ao analisar o melhor título para o livro-reportagem, diversos nomes ganharam destaque, alguns autorais e outros por indicações. Contudo, “Ecos da rua: retratos de sonhos e lutas” foi a melhor escolha por se conectar com a temática da aporofobia, ao sugerir que as vozes e histórias das pessoas em situação de vulnerabilização — muitas vezes silenciadas ou ignoradas — estão ressoando, mesmo que de forma sutil, nas ruas. A ideia de “ecos” também aponta para algo que resplandece apesar da invisibilidade, capturando a luta contra a aporofobia. Além disso, o nome simboliza como as vozes, muitas vezes marginalizadas, embora frequentemente ignoradas, continuam a ecoar, existir no corpo social e exigir visibilidade e dignidade. Assim, pensando que o livro-reportagem irá contar histórias, “Ecos da rua: retratos de sonhos e lutas” evidencia, da melhor forma, os capítulos apresentados nas páginas após a capa por apresentar tanto os desafios enfrentados por eles quanto as vitórias e sonhos.

Buscando trazer sensações vinculadas a esperança e transformação, segundo Heller (2013) o livro trabalha com duas cores: o verde e o laranja que são utilizadas no decorrer das páginas e na capa da obra.

Figura 1 - Cores utilizadas



Fontes: Divulgação

Já o corpo do texto segue os padrões de demais obras em relação a sua cor, o preto. A fonte escolhida foi Palatino Linotype, tamanho 11, com espaçamento de 14,0 pt e parágrafo de 1,25 cm.

Figura 2 - Corpo do texto

Após dias amanhecendo com o céu coberto por uma névoa cinza advindas dos incêndios criminosos que ocorreram no país, a segunda sexta-feira do mês de setembro de 2024 amanhecia límpida sem lembranças da fumaça que escondia prédios, árvores e a visão do horizonte na cidade de Londrina.

Fonte: captura de tela feita pela autora, 2025.

Para os títulos dos capítulos, a fonte escolhida segue a mesma, Palatino Linotype, contudo, agora está em negrito, itálico e em tamanho 20. O posicionamento se encontra a direta da margem.

Figura 3 – Exemplo de título de capítulo.

1. Entre ruas, crenças e o saber universitário

Fonte: captura de tela feita pela autora, 2024.

Inicialmente, os intertítulos da obra seguem a mesma dinâmica do título, contudo, se apresenta no tamanho 12.

Figura 4 – Exemplo de intertítulo de capítulo.

Fulgor místico e sacralidade

Estando presente no Brasil desde abril de 1854, com a inauguração da primeira ferrovia do país - a Estrada de Ferro Pedro II que ligava o Rio de Janeiro a Petrópolis – os trens desempenharam um papel crucial na transformação econômica e social do Brasil. Ao longo do século XIX e início do século XX, a construção de ferrovias se expandiu pelo território nacional, conectando diversas regiões e Sorocaba não estaria fora desse cenário.

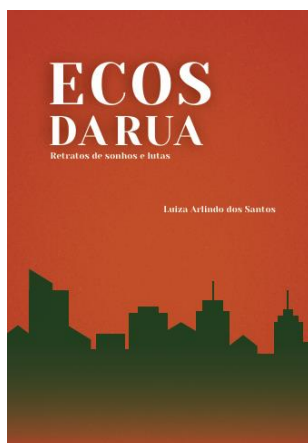
Fonte: captura de tela feita pela autora, 2025.

A capa e a contracapa foram produzidas a partir de artes criadas pela autora a fim de fazer alusão ao título da obra “Ecos da rua: retratos de sonhos e lutas”.

Na base da composição, destaca-se a silhueta de uma cidade, simbolizando os cenários que abrigam histórias únicas de pessoas de diferentes origens. A cidade é colorida em um tom de verde, com efeitos sutis de sombra interna e um gradiente difuso que conferem um efeito que busca mesclar o verde e o laranja da imagem.

Logo acima, encontra-se o título do livro, disposto na fonte em Yeseva One regular que valoriza o impacto visual: "Ecos" em tamanho 80; "da e Rua" em tamanho 56; e, por fim, o subtítulo "retratos de sonhos e lutas" em tamanho 12. A escolha da fonte serifada busca transmitir um equilíbrio entre solidez e delicadeza, evocando o caráter histórico e sensível das narrativas apresentadas.

Figura 5: capa



Fonte: captura de tela feita pela autora, 2025.

4 MEMORIAL DESCRITIVO DO PROCESSO PRODUTIVO

Em decorrência do ano letivo ser feito em menos tempo que o esperado, o início do processo produtivo ocorreu a partir da criação do cronograma que, ao decorrer do tempo, foi sendo aperfeiçoado. Neste cronograma, há a divisão e organização das tarefas a serem desempenhadas dos meses de junho de 2024 a fevereiro de 2025, como apresentado a seguir:

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	20/06/2024 ATÉ 28/02/2025								
	MESES								
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV
Pesquisa bibliográfica	X	X	X						
Elaboração			X						
Seleção de personagens			X	X	X	X	X		
Elaboração do TCC I			X						
Produção em campo			X	X	X				
Relatório conceitual e memorial	X	X	X	X				X	
Produção do livro-reportagem					X	X	X	X	
Diagramação							X	X	
Revisão final								X	
Banca final									X

O início dos trabalhos deu-se a partir de reuniões e conversas – presenciais e remotas – da autora do presente trabalho junto ao orientador, professor Reinaldo César Zanardi, a fim de apresentar a temática, voltada para a aporofobia, ideia cultivada durante dois anos pela autora. Em conjunto com o orientador, foram apresentadas propostas a fim de delimitar o trabalho e verificar o que poderia ser executado até que, após diversos encontros, o livro-reportagem tornou-se fruto de diversas trocas.

Com o apoio da leitura indicada “Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura” (LIMA, 2004), o produto foi delimitado para o formato de retrato, como já descrito anteriormente.

Para a elaboração do pré-projeto de pesquisa, foram realizadas análises e leituras. A princípio, foi-se necessário retomar os conceitos da aporofobia descritos no livro "Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia" (CORTINA, 2020) a fim de explicar o neologismo e, também, realizar o fichamento. Logo em seguida, o cenário, em números, da situação de moradores em situação de rua e imigrantes e refugiados se mostrou de suma importância, logo, relatórios e estudos foram consultados e utilizados para a produção.

Após a entrega do pré-projeto, no dia 6 de agosto, a autora do trabalho debruçou-se na pesquisa de personagens a fim de contar suas histórias. Para chegar até a primeira fonte - Jeremias Emídio Ferreira - foi necessário localizar quem fez o primeiro contato com o personagem. Emidio foi aprovado no vestibular 2024 da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e, por ter sido morador em situação de rua, veículos de comunicação escreveram matérias sobre a conquista.

Jeremias concedeu uma entrevista para o jornalista Nelson Bertolin para a Rede Lume de Jornalistas. Para chegar até o jornalista, o professor Reginaldo Moreira, do Departamento de Comunicação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), foi consultado a fim de conseguir o contato de Bertolin. Em contato com o jornalista, o mesmo informou que não teria o número de Jeremias, mas o assistente social, Ismael Giachini Frare, o teria. Frare enviou o contato e, assim, as primeiras conversas com Jeremias foram realizadas, via *WhatsApp*, a fim de verificar se havia o interesse em colaborar com o livro-reportagem.

O estudante de Letras concordou em ser entrevistado e, assim, após desencontros, a entrevista foi realizada no dia 13 de setembro, às 9h no Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), sendo o primeiro personagem a contar sua história.

Dando continuidade aos trabalhos, a imigrante transexual e antiga moradora do Flores do Campo, Grécia Alexandra Iriarte, foi indicada. Seu contato veio por meio de Taís Roberta Gaio Paton Monsato. Inicialmente, sua entrevista estava marcada para ser feita no dia 19 de setembro de 2024, mas devido a problemas de saúde da personagem, precisou ser remarcada. Com o transcorrer dos dias, a entrevista foi sendo remarcada devido a conflitos de agenda, até que, no dia 4 de novembro de 2024, a autora do trabalho recebeu a notícia de que a personagem havia mudado de localidade e, agora, estava morando em Guarapuava (PR). Após uma consulta com o orientador, a entrevista foi mantida, mas, em vez de ir até ela, seria feita através de uma videoconferência através do *WhatsApp*. Assim, no dia 5 de novembro, às 9h, a então aguardada conversa aconteceu e transcorreu-se por 1h.

Enquanto a entrevista com a Grécia ia se desenrolando, os trabalhos para encontrar

demais personagem ia acontecendo de forma simultânea. A assistente social lotada no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), Jenifer Araujo Barroso Bilar, foi consultada a fim de encontrar demais fontes. Por meio do aplicativo de conversa *WhatsApp*, no dia 30 de outubro de 2024, Araujo indicou duas fontes, Amarildo Aparecido Rodrigues e Lauzenir Antônio Batista.

Ambos recebem amparo do Centro POP a depender de suas necessidades. Em ordem, através do *WhatsApp* tive meu primeiro contato com Amarildo Aparecido Rodrigues, o personagem que prontamente se colocou à disposição em colaborar. Sua única reivindicação era que a entrevista acontecesse durante o período da manhã, assim, marcamos o encontro para o dia 15 de novembro, às 9h, em sua residência.

Meu primeiro contato com Lauzenir Antônio Batista se deu em 30 de outubro de 2024. Como de costume, apresentei-me por *WhatsApp*, expondo minha ideia. Em poucas palavras, ele manifestou sua disposição em ajudar. Assim, nosso encontro foi marcado para acontecer no dia 28 de novembro de 2024, às 10h, também, em sua residência.

Por terem histórias de vida que se diferenciam, alguns entrevistados tiveram sua própria lista de perguntas.

- Jeremias Emídio Ferreira

História Pessoal

1. Como era sua infância e o ambiente familiar?
2. Quais os desafios que você, quando ainda era jovem, enfrentou?

Dependência Química

1. O que o levou até as drogas?
2. Como você está hoje em relação a sua dependência química?
3. Quais foram os maiores desafios que enfrentou para lidar com o vício?

Nas ruas

1. O que você acredita que levou à sua situação de rua?
2. Como foi a primeira noite na rua?
3. Como era o tratamento das pessoas em relação a você?

Em Londrina

1. Como foi a decisão de se mudar para Londrina?
2. Qual a sua percepção ao chegar na cidade?

3. Quem te acolheu ao chegar aqui?

Educação e cursinho

1. Por que você decidiu acompanhar as aulas do cursinho?
2. Como foi esse processo de aprendizado? Teve algum momento ou pessoa que foi fundamental nesse período?
3. Por que escolheu estudar letras?
4. O que representa para você ter passado no vestibular da UEL? Como imagina que a universidade poderá transformar sua vida?

Literatura e impacto pessoal

1. Como a literatura apareceu em sua vida?
2. Quais obras tiveram maior influência sobre você e por quê?

Redes de apoio e perspectivas

1. Como as redes de apoio, como a igreja e o CJV, têm ajudado você a seguir em frente?
2. Qual o seu sonho nesta etapa da vida?

- Grécia Alexandra Iriarte

Sobre sua trajetória pessoal e familiar e chegada ao Brasil

1. Como foi sua criação? Como era o local em que habitava?
2. Você pode compartilhar como foi sua experiência de sair da Venezuela e chegar ao Brasil? O que a motivou a fazer essa mudança? Quantos anos tinha quando decidiu deixar seu país de origem?
3. Londrina foi seu primeiro destino ou você passou por outros lugares antes?
4. Como é carregar consigo a cultura venezuelana em outro país? Você sente que conseguiu manter parte dessa cultura viva na sua nova realidade?
5. Se a resposta for sim, por que decidiu fazer morada em Londrina?
6. Como tem sido para você viver longe dos seus filhos? De que forma vocês mantêm contato e como isso impacta sua vida?
7. Como foi o processo de aceitação e transição para você, tanto pessoalmente quanto no contexto social e familiar?

Sobre sua saúde e desafios

1. Quais têm sido os maiores desafios em relação ao seu tratamento de saúde no Brasil? Você sente que tem acesso ao suporte necessário?
2. Como você lida com o tratamento de diálise e o que tem aprendido com esse processo?
3. A diálise exige uma rotina cuidadosa. Como isso afeta suas atividades diárias e sua perspectiva sobre o futuro?

Sobre sua identidade e luta por direitos

1. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou como uma mulher trans ao longo de sua vida?
2. Você passou por momentos difíceis de preconceito ou discriminação ao longo de sua trajetória? Como lidou com essas situações?

Planos e sonhos

1. Há algo que você gostaria que as pessoas entendessem melhor sobre sua jornada como mulher trans e sobre as dificuldades que você enfrenta no dia a dia?

- Amarildo Aparecido Rodrigues e Lauzenir Antônio Batista

Infância e trajetória de vida

1. Como foi sua infância e adolescência? quais são suas primeiras memórias?
2. Onde nasceu? em que ano? em qual bairro?
3. Como era sua relação com a família?
4. Em que momento sua vida começou a tomar um rumo que o levou às ruas?

Desafios e sobrevivência nas ruas

1. Quais foram os maiores desafios que você enfrentou enquanto estava na rua?
2. Como era seu dia a dia e o que você fazia para se manter?
3. Como as pessoas costumavam tratar você enquanto estava vivendo na rua?

Rede de apoio e transição

1. Você teve apoio de alguém ou alguma instituição enquanto vivia nas ruas?
2. Como foi o processo de sair da rua? havia algo que o impedia?
3. Como você descreveria o primeiro dia após sair dessa situação? O que mudou para você?

Reflexões e mensagens

1. O que você gostaria que as pessoas soubessem sobre como é, de fato, viver na rua?

Sonhos e perspectivas

1. Hoje, quais são seus sonhos e objetivos? Há algo que você gostaria de realizar?
2. Como é seu dia a dia?
3. Qual é a sua visão sobre o futuro e o que você acredita que ainda precisa superar?

Tendo em vista a aproximação das bancas de TCC I, agendadas para o final de setembro e início de outubro de 2024, optou-se por iniciar o primeiro capítulo de livro-reportagem intitulado “Entre ruas, crenças e saber universitário” tendo como base a entrevista realizada com Jeremias Emídio Ferreira no Centro de Letras e Ciências e Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O capítulo possui dez páginas sendo dividido e organizado em dois subtítulos a fim de apresentar a narrativa em ordem cronológica dos acontecimentos.

Após a conclusão da Banda de TCC I, o livro-reportagem segue uma sequência cronológica, organizada com base nas datas das entrevistas realizadas.

O segundo capítulo, intitulado “O sopro das escolhas”, tem como protagonista Grécia Alexandra Iriarte. Com 19 páginas, o capítulo é estruturado em seis subtítulos, que organizam a narrativa a partir dos locais pelos quais Grécia passou, revelando as marcas e transformações em sua trajetória.

O terceiro capítulo, “Do coração alviverde ao abismo das ruas”, apresenta a história de Amarildo Aparecido Rodrigues. Com 13 páginas, é dividido em três subtítulos que conduzem o leitor por momentos decisivos de sua vida, desde sua conexão com o futebol até os desafios enfrentados nas ruas.

O quarto capítulo, denominado “Entre ruas, raízes e recomeços”, narra a trajetória de Lauzenir Antônio Batista. Com 18 páginas, o capítulo é organizado em dois subtítulos, que exploram a profundidade de suas raízes e o processo de reconstrução de sua vida após períodos de vulnerabilização.

O quinto e último capítulo da obra traz para o leitor o ponto de vista da autora do livro-reportagem sobre como foi o processo de encontrar e escrever sobre os personagens, uma indicação feita pela banca no TCC I. O capítulo tem sete páginas e não possui divisões em subtítulo.

Os dias seguintes após a conclusão do livro-reportagem foram dedicados a uma revisão final, feita pela própria autora, de todos os capítulos já escritos, a fim de corrigir

possíveis erros e ajustar questões estilísticas do texto, concluindo, assim, a redação do conteúdo propriamente dito do livro-reportagem. Simultaneamente, durante o mês de janeiro, a autora debruçou-se a fazer os últimos ajustes deste relatório a fim de serem encaminhados, tanto o livro quanto o relatório, para o orientador do trabalho a fim de serem realizadas as devidas correções antes da banca final.

Assim, as semanas seguintes de janeiro foram dedicadas apenas à produção estética e visual do produto. A autora fez a diagramação do livro-reportagem por meio do programa de software Adobe InDesign respeitando os padrões de estilo, fontes, margens e outros aspectos previamente definidos – e já descritos anteriormente neste relatório.

Após a realização da banca de TCC, em 19/02/2025 e a consequente aprovação do trabalho, a autora se dedicou a fazer as correções indicadas pelos professores componentes da banca – o orientador Reinaldo César Zanardi e os membros da banca Reginaldo Moreira e Ana Patrícia Pires Nalesso. Posteriormente, no dia 27/02/2025, com o material devidamente corrigido e finalizado, o PDF do livro-reportagem atualizado e este Relatório Conceitual e Memorial Descritivo foram enviados por e-mail à coordenação de TCC, ao Departamento de Comunicação da UEL.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nasceu, em grande parte, de inquietações sobre casos de aporofobia que, infelizmente, não são isolados. Ao mesmo tempo, o projeto ofereceu a oportunidade de aprofundar o uso de técnicas jornalísticas – como a produção de perfis, entrevistas em profundidade, apuração, checagem de dados e práticas de observação – que lapidaram os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação em Jornalismo.

No âmbito profissional, o trabalho proporcionou contato com histórias singulares e aprendizados únicos, que somente a interação direta com personagens marcantes pode oferecer a fim de humanizar pessoas que foram e, em alguns casos, ainda são discriminadas pelo seu passado.

Em 2022, ao escrever minha primeira matéria sobre aporofobia, não imaginava que o interesse pelo tema tornara-se um dos pilares do meu TCC. Contudo, ao analisar dados sobre o número de pessoas em situação de rua, além da chegada de imigrantes e refugiados ao país, percebi a necessidade de aprofundar a discussão sobre esse neologismo, que reflete o comportamento de cidadãos diante de pessoas em situação de vulnerabilização socioeconômica, sejam elas estrangeiras ou brasileiras, em uma sociedade de troca.

Além disso, os números, para mim, pareciam distantes e frios. Por isso, tornou-se urgente escrever sobre as pessoas por trás dessas estatísticas, buscando humanizá-las e enxergá-las em sua complexidade. Logo, ao ponderar o melhor caminho para a escolha da temática, a aporofobia foi escolhida pela sua relevância social, sobretudo para pessoas em situação de vulnerabilização social, que enfrentam diariamente violência – seja física ou verbal – em razão de sua condição socioeconômica.

O produto final deste trabalho configurou-se como um retrato de trajetórias de pessoas comuns que, por diversos motivos, encontraram-se em situação de rua ou foram forçadas a deixar seus países de origem devido a questões políticas, sociais, econômicas ou, muitas vezes, à combinação dessas circunstâncias. Confesso que, embora o processo de encontrar os personagens desta obra tenha sido longo, estendendo-se entre agosto e dezembro de 2024, cada momento valeu a pena. É surpreendente como, em meio à correria cotidiana, histórias de resistência e luta habitam as vidas de pessoas que muitas vezes passam por nós como sombras, quase invisíveis, mas carregam universos inteiros em seus silêncios.

Após realizar quatro entrevistas – três presenciais e uma por videoconferência – ficou evidente que, com suporte social, familiar e a criação de oportunidades, é possível superar

adversidades como a vida nas ruas ou o desafio de se estabelecer em um país onde poucos falam sua língua materna. Um dos personagens do livro-reportagem exemplifica essa realidade. Conhecer a realidade dessas pessoas revelou-me como a violência e o vício agem de maneiras diversas na vida de alguém, infiltrando-se em quem tenta, com esforço e coragem, resgatar o melhor de si.

De forma unânime, os entrevistados destacaram o papel essencial de assistentes sociais e Organizações Não Governamentais (ONGs) em suas jornadas. Independentemente do estado ou cidade onde estavam, essas redes de apoio foram cruciais para que eles alcançassem a recuperação e a reinserção social. Esses relatos reafirmam a importância desses profissionais na transformação da vida de pessoas em situações extremas.

Além disso, mesmo havendo um período semelhante na vida dos quatro, suas histórias, desafios, dores, opiniões, hobbies, desejos e projetos futuros são completamente apostos um dos outros, o que exemplifica, da melhor forma, suas singularidades. Contudo, mesmo com essas particularidades, ainda apresentam mais uma questão em comum, o desejo de viverem em paz e segurança.

Diante disso, o Brasil, como um país que acolhe imigrantes e refugiados de diversas nações – vizinhas ou não – e que enfrenta um número alarmante de pessoas em situação de rua, precisa urgentemente repensar suas políticas públicas e ações sociais. É fundamental promover iniciativas que não apenas garantam o básico para a sobrevivência, mas também possibilitem a reintegração dessas pessoas à sociedade de forma digna e inclusiva.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) buscou não só dar visibilidade às histórias de quem vive às margens, mas também provocar reflexões sobre o papel dos direitos humanos - da empatia, da educação e da responsabilidade coletiva - em uma sociedade que ainda luta para enxergar e acolher o outro. Mais do que números ou estatísticas, este trabalho é um convite para reconhecer as singularidades humanas que habitam os espaços invisibilizados. Afinal, a erradicação da aporofobia e da exclusão social começa com a compreensão de que cada indivíduo merece respeito, oportunidade e pertencimento.

6 REFERÊNCIAS

CORTINA, Adela. Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. | Adela Cortina; tradução de Daniel Fabre – São Paulo: Editora Contracorrente, 2020

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17. ed. Rio de Janeiro, PAZ E TERRA, 1987.

HELLER, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução: Maria Lúcia Lopes da Silva. 1a ed. São Paulo, SP: Gustavo Gili, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; DE OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2024.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2004.

NATALINO, Marco Antônio Carvalho. A População em situação de rua nos números do Cadastro Único. Rio de Janeiro : Ipea, mar. 2024. 57 p.: il. (Texto para Discussão, n. 2944). DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2944-port>

SABBADINI, Jéssica. Quase 60 mil pessoas têm renda zero em Londrina. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/quase-60-mil-pessoas-tem-renda-zero-em-londrina-3228923e.html?d=1> Acesso em: 26 jun. 2024

SINGER, Paul. A Erradicação da miséria: uma abordagem inicial. <http://acesso.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3ADC4216013AFAE0D85014C0/A%20ERRADICA%C3%87%C3%83O%20DA%20MIS%C3%89RIA%20UMA%20ABORDAGEM%20INICIAL.pdf>, v. 87, p. C3, 2010.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017